

Estabelecimento Administrativo e Oficinas  
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegraphico: LANTERNA

Dirigir toda a correspondência ao

DIRECTOR:

EDGARD LEUMROTH

# A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

Dr. Salvador Moya  
r. Dr. Pedro Vicente 58-A  
B. Paulo

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAS:

ANO . . . . . 10\$000  
SEMESTRE . . . . . 06\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior  
há a diferença do porte do Correio.

Místicas amargas

## A questão do divórcio

A celeuma, que o elemento clerical tem levantado, por causa do projecto de divórcio há pouco submetido à aprovação da Câmara dos Deputados, atesta e comprova a certeza que os padres têm de que, hoje em dia, não há mais católicos de convicção.

Ha-os apenas de conveniência e hipocrisia.

Se os homens de sotaina acreditassem na firmeza de princípios daqueles que lhes vivem aos pés, que lhes importaria que se adotasse no país o divórcio, qual existe em França e nos Estados Unidos?

Certo, a nova instituição ora em perspectiva, não iria aproveitar aqueles que vivem escravizados aos prejuizos de uma religião, para a qual a vida deve ser um martírio contínuo, para que se faça já a uma bemaventurança eterna.

Esses, os que comungassem semelhante credo, quando infelizes no casamento, não iriam recorrer ao divórcio, como um remédio para a lastimável situação em que se encontrassem. Prefeririam curtir todas as amarguras, esgotar, até as fezes, o cálice da desventura, a ir de encontro ao preceito religioso, que veda a dissolução do vínculo conjugal, a não ser por morte de um dos membros do casal.

O divórcio só poderia, portanto, servir aos naufragos do casamento, que não nutrissem sentimentos católicos, mas com esses, que é que têm que ver os senhores padres?

Porventura, além de dominar as almas católicas, querem também avocar a si o governo espiritual daqueles que os aborrecem, que os desprezam, que os detestam, que nelles vêem uma casta funestíssima à sociedade?

Se os padres têm para si que a maioria, que a quasi totalidade da população do Brasil é católica de coração, porque não se deixam ficar tranquilos, na persuasão de que o divórcio só será aceito por uma parcela diminuta, que faz tanto caso da doutrina cristã como dos preceitos ridículos exarçados no Alcorão ou no livro dos Vedas, de Vyāsa?

Ah! E' que elles sabem que, se vier mesmo o divórcio, muita gente jida hoje na conta de baluarte da Igreja Católica, não hesitará em recorrer, dadas certas circunstancias, a um meio tão salutar para normalizar a sua existência, restaurando-lhe a dinâmica moral, que parecia para sempre perdida.

O divórcio é uma necessidade de entre nós.

Ele não virá plantar a cizania, a discórdia no seio dos casais felizes, porém, tão somente oferecer um abrigo seguro, um porto de refugio, a aqueles para os quais não mais sorria na terra a esperança de um claro de ventura.

A união de um homem com uma mulher só pode ter uma base sólida, que é o amor recíproco.

Suprimi tal base e teres convertido essa união na mais pesada cadeia a jungir dois condenados, cada um a suspirar pelo dia em que do outro se veja para sempre livre.

Repetimo-lo: o divórcio não estimulará quem quer que seja a abandonar o seu conjugio, sim de convoiar a novas nupcias.

O divórcio não facultará a separação completa dos casais, senão em casos perfeitamente definidos e quando a separação dos conjugos redundar em felicidade relativa pa ambos.

Limitem-se os padres a ensinar do púlpito que a sua religião proibe que os seus crentes se divorciem.

Não se metam, porém, a tro-lhões querendo, a todo o custo, obstar a que todos, indistintamente — católicos e acatólicos — se vejam privados de tão eficaz recurso da terapêutica social, para certas situações da existência, simplesmente porque em um dos Evangelhos — conjuntos de lendas ridículas e pueris — está escrito «que o homem não deve reparar aquilo que Deus uniu».

Ignoto.

## SERMÃO AO AR LIVRE



Por mais antipatia que sinta pelos padres, não posso admitir que contra elles sejam empregados os mesmos processos feroces de intolerância canibalesca que os clérigos, nas suas grandes épocas de predomínio absoluto, generosamente aplicavam aos corpos malditos dos herejes.

Assim, não foi sem um calafrio de horror que li, nos jornais portugueses, a proposta do recente levantamento monárquico-clerical, horríveis episódios de retaliação republicana. Gito dois, entre os mais trágicos. Um deles passa-se em Coimbra e é assim noticiado:

Junto de uma casa pertencente do conspirador Cruz Amante, em Vale de Azenha, foi a noite passada lançada uma bomba que matou um porco e produziu leves estragos numa varanda da mesma. A policia investiga.

O outro dá-se em Cabeceiras de Basto, foco temeroso de revolta:

As casas de habitação do padre Domingos, considerado o principal instigador da rebelião, de um irmão e outras, foram incendiadas, encontrando-se nos escombros porcos carbonizados.

Ah! eu compreendo a cólera popular e bem sei que os padres a desencadearam, promovendo a desordem, o saque, o assassinato, e planeando a chacina de todos os liberais. Mas os liberais, precisamente porque odeiam e combatem esses melodiosos, devem repelir o seu uso e abster-se cuidadosamente de dinamitar e carbonizar, a laia de inquisidores, os seus ferrenhos adversários.

Pela minha parte, repudiando qualquer solidariedade de seita, protesto com a maior das energias!

Zeno Vaz

NOTA DA RED. — O nosso colaborador está equivocado: cremos que se trata dos outros porcos, dos de quatro patas. Mas o engano é explicável: é resultado de usarem estes úteis animais, tam injustamente carbonizados, um nome que se presta a estas confusões ofensivas. A Sociedade Protectora dos Animais deve velar por isso.

## Surgiu et ambulá

Um diário católico de Barcelona publica um telegrama de Lourdes no qual se refere que um a paráltica chamada Angela Soldevilla, quando ia a ser impellido numa procissão realizada há dias, desatou a mover-se e depois a andar depressa, como qualquer empregado de cobrança na lufa-lufa comercial dos sábados. A sra. de Lourdes foram logo erguidas, na sua santa frente, hosanas ruidosas de todos os crentes maravilhados. Pelo que se vê, Tartufo continúa a considerar benefícios divinos os factos naturais que a sciência já hoje explica e apregoa los como reclama mercantilissimo da edibria entação de curas por meio de missagens em que se acreditam... curas.



— Diga-me, meu padre, porque é que deixa os desgraçados como essa mulher que ai está darem esse espectáculo de miséria?

— E' para que os ricos possam mostrar os seus sentimentos caritativos.

— Então, devemos dar esmolas aos pobres?

— Sim, mas sempre por intermédio dos padres.



## BUSCAR LÁ E SAIR TOSQUIADO

Parece que os católicos reacionários portugueses começam emfim a perceber que os seus conselheiros, aqueles que no alto da caveira trazem um grande zero, sinal com que são marcados ao sairem dos lugares onde são transformados de homens que eram em a coisa mais ruim que se pôde imaginar, de nada lhes têm servido e que essa historia de se dizerem identificados com uma divindade não passa de conversa fiada, de um verdadeiro conto de que têm usado e abusado em proveito próprio, porém em cujo conto pensam não mais continuar a cair.

No número de 13 de julho aqui transcrevemos o manifesto de um deles, o do Júlio Cesar, padre valentão, no qual este reverendo, dizendo-se protegido de Deus, chamava as armas, formando ao lado da Cruz, todos os homens, mulheres, rapazes e crianças, assegurando-lhes que a vitória seria certa, após nunca o demonio poderia vencer o seu Senhor.

Ora, está hoje patente que, apesar de tão alta e poderosa protecção, o número daqueles que o escutaram foi relativamente diminuto porque nem ao menos conseguiram arvorar a bandeira azul e branca — que essas feras fizeram substituir por um trapo — em nenhuma vila da República, que parece ir gosando boa saúde, não obstante os graves erros, as imprudências que tem contra aqueles que, embora pertencendo a uma outra escola social, nem por isso deixariam de, no momento critico, prestar-lhe o seu apoio contra aquelles que entendem que se deve retrogradar em lugar de progredir.

Para provar o descrédito em que vão caindo, citemos entre muitos os factos seguintes velados em telegramas ao Mundo de Lisboa e publicados no País de 3 de agosto:

LOURES, 14 — Hoje de manhã, quando o prior, conhecido reacionário e inimigo da República, se pre-

parava para pregar um sermão na igreja, foi intimado pelo povo a sair da freguesia. Algumas centenas de republicanos, numa grande e ordeira manifestação patriótica, acompanharam o prior até as portas de Lisboa, verificando-se que ele trazia cartas comprometedoras numa mala. O povo, sempre no meio de grande calor, procurou nos paços do Conselho o digno administrador, nosso amigo Raimundo Alves, declarando que não desejava ver outra vez o padre em Fanhões. O sr. Alves usou então da palavra, sendo calorosamente ovacionado (etc. etc.) Aos padres de Loures e Búbelas aconteceu a mesma coisa. Ha grande entusiasmo e nem uma só pessoa mostra solidariedade com os reacionários.

«Na manhã de ante-ontem uns 80 homens armados assaltaram a residência do prior de Odivelas e o acompanharam até as portas da cidade, expulsando-o daquela freguesia e intimidando-o a não voltar ali, sob pena de ser preso.»

ANADIA, 9 — Uma força de infantaria 28 cercou hoje de manhã a residência do padre reacionário da freguesia de Vila Nova de Monsarros por se suspeitar ser o autor do atentado de duas bombas que explodiram no túnel do caminho de ferro de Varzeas, proximo de Luso, no dia 6 para 7 do corrente. Depois da busca feita pelo administrador deste concelho, sr. Carmo Ferreira, e secretário Sereno, foi-lhe encontrada uma porção de dinamite e rastilho e uma factura de cinco quilos de dinamite. O padre rebelde já se tinha evadido, não se efectuando por enquanto a sua prisão.

Tem sido publicado pelos jornais que com o fracasso que sofreram na última incursão os monarquistas e toda a padralia resolveram vir aboletar-se no Brasil, o que lhes será facil em virtude da protecção de que gosam nas esferas governamentais. Referimo-nos aos marca zero.

Venham, venham tosquiar para estas bandas.

Nós é que não lhes daremos guarida, mostrando ao povo o que é a mais abominavel corja que infesta a face da terra.

Dia virá em que ele compreenderá a razão da nossa ogeriza e então a reacção salutar estalará, forçando a jesuitada, marcada ou não, a obedecer à sua vontade imperativa.

Nesse dia tambem os Faustinos e os seus protutores não mais andarão por ai soltos a afrontar aqueles cujos corações ainda não foram transformados em uma pedra, e a consciência em um saco de ouro.

Adrecaí.

Rio, 4 — 8 — 912.

## Federação Internacional do Livre Pensamento

FUNDADORES: D. A. Bennet (Estados Unidos), Giovanni Bóvio (Itália), Charles Bradlaugh (Inglaterra), Ramon Chiés (Espanha), Wilhelm Liebknecht (Alemanha), Moleschott (Itália), Cesar De Paepe (Bélgica), Charles Renouvier, Clémence Royer (França), Herbert Spencer (Inglaterra).

### CONGRESSO DE MUNICH

1, 2 e 3 de setembro de 1912

A Federação Internacional do Livre Pensamento, cuja sede é em Bruxelas, e que liga nma às outras as mais importantes organizações de Livre Pensamento de todo o mundo, decidiu realizar o seu XVI Congresso em Munich (Baviera).

Desde a sua fundação (Congresso de Bruxelas de 1880), a Federação realizou sucessivamente Congressos em Londres (1882), em Amsterdã (1883) em Anvers (1885), em Londres (1887), em Paris (1889), em Madrid (1892), em Bruxelas (1895), em Paris (1900), em Genebra (1902), em Roma (1904), em Paris (1905), em Buenos Aires (1906), em Praga, (1907), em Bruxelas (1910).

Todos estes Congressos tiveram grande êco em todo o universo; o de Munich — o primeiro que a nossa federação realiza na Alemanha — pode desde já assegurar-se que terá o melhor êxito, graças ao concurso dos mestres do pensamento humano, que tomarão parte nesta grande reunião.

São convidadas a assistir ao Congresso de Munich: as federações nacionais dos diversos países, filiadas ou não na Federação Internacional do Livre Pensamento; todas as sociedades racionalistas, lojas maçônicas, universidades e estabelecimentos de instrução, universidades populares; comunidades religiosas livres; sociedades de cultura ética; centros de estudos filosoficos, políticos e sociais; sociedades positivistas e de estudantes anti clericaes; justas e comissões liberais, republicanas ou socialistas, e, numa palavra, todos os agrupamentos que reconhecem a maleficiência das igrejas e defendem o principio da liberdade de consciência. Os livre pensadores que, embora não pertençam a nenhum agrupamento, possam contanto prestar util concurso ao

Livre Pensamento, serão igualmente admitidos a tomar parte no Congresso de Munich.

### ORDEM DE TRABALHOS:

No sábado, 31 de agosto, á noite, haverá uma sessão particular preparatória.

A 1, 2 e 3 de setembro, discutir-se-ão as seguintes tomes:

- 1.° DETERMINAR O ALVO QUE TEMEM VISTA A FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DO LIVRE PENSAMENTO;
- 2.° SEPARAÇÃO DA IGREJA E DO ESTADO;
- 3.° A EDUCAÇÃO E O LIVRE PENSAMENTO.

Uma sessão especial, unicamente reservada aos delegados das sociedades filiadas na Federação Internacional, será consagrada á revisão dos estatutos da Federaçaõ a questões administrativas.

### PELO CONSELHO GERAL

O secretario geral: EUGENE HINS, redactor principal de La Pensée (350, Ch. de Bosnael, Bruxelas). O secretario-tesoureiro: JEAN DONS, secretario geral da Federação Nacional das sociedades bolgas de livres pensadores (155, rue Saint Bernard, Bruxelas).

O presidente: HECTOR DENIS, professor, antigo reitor da Universidade Livre de Bruxelas, membro da Câmara dos Representantes. Os vice-presidentes: LEON FURNEMONT, membro da Câmara dos Representantes e Conselho Comunal de Bruxelas. GEORGES LORAND, membro da Câmara dos Representantes.

Os vogais: MELANIE JANSSENS, inspectora e vice-presidente do Oratório racionalista; ROZEAU DE L'HAYE, senador; EUGENE MONSIEUR, professor da Universidade Livre de Bruxelas; EMILE ROYER, membro da Câmara dos Representantes; MODESTE TERWAGNE, doutor em medicina, membro da Câmara dos Representantes.

## O CONFESSIONARIO

Haverá lugar mais abominavel e obscuro? Lugar onde os corações mais puros e limpidos se tornem mais negros do que as trevas e mais sujos do que a lama? Onde os entes mais tímidos se convertam nos mais audazes?

Podemos afirmar que não.

No entretanto neste século, o século que emana uma luz viva e resplandecente; o século emfim da liberdade de consciência, ainda há quem viva acorrentado à Roma e não duvide de se ir lançar devota, humildemente, aos pés dum homem que se diz discipulo de Deus.

E' repugnante tanta ignorância.

Um homem tão pecador, ou mais ainda do que qualquer outro, intitular-se com o falso poder de perdoar os pecados dos seus semelhantes, é coisa que repugna admitir.

O homem que veste uma sotaina e abre uma espécie de claraboia na cabeça, para passar por santo, querendo que o povo o reverencie e lhe confie os mais intimos segredos da sua vida, não passa senão, no pensar dos sensatos, de um ente vil e ignóbil que pisca a face da terra.

O confessorio não é mais do que uma escola satânica, um abismo de perdição, onde os que se submetem (especialmente o sexo fraco) vão apren-

der coisas que deviam ignorar! E' o lugar onde se despe por um pouco e às vezes para sempre, o pudor, que cobre as faces da cândida donzela, obrigando-a a fazer narrações indignas, ou, pelo menos, a ouvir perguntas indecorosas, que lhe fazem os mercenários de Roma.

Não raras vezes se leem nos jornais narrações de factos impudicos que se passam nas grades dos confessorios.

Fujam, pois, todas as pessoas honestas desses antros de depravação, donde só podem resultar perigos e vexames de que a nossa collecção é um bom atestado.



## Soliloquio dum cura

A terra era obra-prima Das mãos do omnipotente! Já foi... antigamente; Mas hoje... desastrosa  
Ouvir, pela vindima, Queixar-se toda a gente. Houve infelizmente Alteração no clima.  
Se vai neste caminho, Pedir a cingra fôrta Gravissima injusticia.  
E então se acaba o vinho! Lá vão também embora Os três irmãos da miséria.  
A. A. CASTELO BRANCO

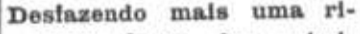
MORTE DE NOVICOW

Faleceu em Odessa o celebre sociólogo Jean Novicow, que era possuidor de uma das maiores cerebros que tem engrandecido e honrado a raça humana.

agitação para impedir que os argentinos americanos consigam consumir esse crime horrífico.

Em S. Paulo também vai se promover um protesto contra essa infâmia.

Com esse fim realizar-se-á amanhã, domingo, às 3 horas da tarde, na rua Riachuelo, 43, uma reunião de Libertários, que a ela são convidados a comparecer.



Onde está Idalina?

Desfazendo mais uma ridícula farça dos criminosos histriões do Orfanato.

Quando certos jornais, desses que andam sempre à cata de factos sensacionais para conseguirem aumentar a sua sempre reduzida venda avulsa, trombearam aos quatro ventos um novo aparecimento da pobre orfã sacrificada pelos padres do Orfanato, quando essa noticia foi divulgada em letras garrafais nós dissemos logo que ela não passava de uma ridícula blague impingida ao publico pelos criminosos refugiados no covil do Ipiranga com o fim unico de fazer ver que ainda estão a procura da menina desaparecida misteriosamente no seu covil.

Dissemos que estavam em face de uma nova comédia a acrescentar às tantas de que têm sido protagonistas os criminosos confessos do Orfanato. Afirmamos isso firmados na nossa convicção de que Idalina não poderá já mais aparecer por ter sido vítima de um grande crime, por ter sido sacrificada no própria Orfanato Cristovam Coombo.

Dissemos que Idalina não tinha aparecido nem em Portugal nem em Buenos Aires e nos comprometemos a prova-lo suficientemente.

Em resposta ao nosso pedido de informação sobre a Idalina portenha, recebemos as seguintes cartas:

«Buenos Aires, 21 — Julho — 1912.

Carissimo Edgard:

Logo que recebi a tua carta, procurei informar-te sobre a tal Idalina do Fanfulla. Fui à «calles» Talcahuano, 28. Há ali um pequeno negocio de vinhos e comida. Absolutamente nada pude saber a respeito da nova Idalina, posto que ali só tem uma menina da familia, de uns oito anos.

Encarreguei um camarada que trabalha defronte mesmo da casa e ele esteve investigando sem resultado.

Faço ponto por agora. Amanhã à noite escrever-te-ei mais extensamente. Estou muito ocupado.

Teu amigo — Luiz.»

«Buenos Aires, 23 — 7 — 912.

Caro Edgard:

Ainda nada de novo te posso dizer a respeito do caso Idalina, não confirmo o que te disse na minha primeira carta, isto é, que no local indicado pela carta dirigida ao Fanfulla não há o menor indício que ela ali esteja nem tivesse estado. Agora, porém, falei com um camarada sobre o caso, e dispondo do mesmo de muito tempo vai fazer outras diligências que, certamente, se a tal nova Idalina estiver aqui, não deixará de encontra-la.

Muitas lembranças aos camaradas e um abraço do — Luiz.»

Que dizem agora a isto os safardanas do Ipiranga? Grandes histriões! Refinados criminosos!

Vamos, arranjam mais uma Idalina, forgem uma nova farça, que esta já está desfeita. E enquanto preparais uma nova encenação nós não cessaremos de perguntar: — Onde está Idalina?



Restos da aventura conceirista — Entre a clemencia e a severidade — Palavras generosas dos republicanos espanhóis — O mais grosso prisioneiro dos republicanos — Manhas de fidalgo e anacronismo de alta nobreza — A nova encarnação de D. Quixote — O incidente com a Espanha — Boatos e fantasias — Não hade ser nada! — A opinião espanhola nos dois países — Uma visita oportuna de Rodrigo Soriano — Guerras por ideias e guerras por conquistas — O pretexto patriótico — Hervé em liberdade: escândalo que cessa e agradecimento à Cambronne.

LISBOA, 21 DE JULHO

A segunda aventura de Couceiro está inteiramente liquidada, vão-se extinguindo os ecos da incursão e dos raros levantamentos e conspiratas, e acalmam-se os impetos coléricos dos elementos republicanos provocados. Restam agora os efeitos dolorosos de uma ou outra injustiça cometida, na torva cegueira da ira e da vindicta, e a tarefa implacável e dura de tribunais militares...

Os republicanos vão lutar entre o sentimento de irritação causado pelo ataque realista e o apelo à clemencia vindo de vários lados; entre o partido da benevolência e o da inflexível energia nos castigos. Dos próprios republicanos espanhóis, tão esforçados na defesa da república portuguesa, vem o conselho de moderação, e foi à intercessão de Rodrigo Soriano, merecedor do reconhecimento da democracia lusitana, que recoreram alguns incursos presos em Valença.

A presa de maior vulto dos tribunais marciais, pouco atreitos, em verdade, a complacentes branduras, tratando-se especialmente de rebeldes, é o flamante e nobre oficial austriaco D. João d'Almeida, que fazia parte da columna de Couceiro e é acusado de, na primeira incursão, ter troçoicamente assassinado um guarda fiscal. Este nobre senhor, altamente convencido da imensa estupidez da plebe vil, tentou intrujar os dois soldados de cavalaria que o fizeram prisioneiro, falando-lhes numa «lingua estrangeira»... Refere-se dele um outro grande gesto. O official, que procedia à chamada de presos, suprimiu-lhe o fidalgo «dom», democratizando-lhe o nome num vulgarissimo «João d'Almeida». O fidalgo miguelista não respondeu; e à segunda vez, com ar orgulhoso e antigo, exclamou:

— Aqui não há João d'Almeida; há Dom João d'Almeida, que sou eu!

O official sorriu, encolheu os ombros e consentiu...

Vê-se que o bom senhor é lido na história da Revolução Francesa; mas veio tarde. São outros os tempos, outro o ambiente, outro o quadro histórico. O sublime de então é hoje grotesco. O bom cavaleiro andante da Mancha, em épocas adequadas, teria sido um famoso Roldão; no tempo de Cervantes, foi apenas D. Quixote, com Rocinante, Sancho Pansa e Dulcinea. Não há cómico mais perfeito e irresistível do que o contraste entre a personagem e a época. Pobre D. João!... Na Revolução Francesa, perante Fouquier-Tinville, ainda terias suscitado cóleras e admirações; hoje responderam-te alguns sorrisos de piedade e a indiferença. Apenas um jornal, meio enojado, perguntou se o fidalgo sentira a mesma orgulhosa alma de nobre, assassinado pelas costas, como um sicário, um guarda fiscal sentado...

Da tentativa de restauração resta ainda outra coisa: um incidente com a Espanha, aliás de somenos gravidade. Não agrado ao governo espanhol que o de Portugal dê-se publicidade a uma reclamação oportunamente feita para internamento dos conspiradores e so que entre os dois gabi-

netes ficara combinado. Ha quem diga que o governo de Madrid, ou para tomar uma attitude agressiva, ou para desviar as atenções das suas responsabilidades e complicitades escandalosas, procura pôr em scena as susceptibilidades patrióticas, fazer vibrar o sentimento nacional. Por outro lado, da parte dos realistas portugueses e dos carlistas e clericais de Espanha, maneja-se, segundo corre, no sentido de promover um conflito entre os dois países.

São talvez fantasias; e em todo caso, não creio que seja possível tornar violento este incidente, mesmo pondo de banda o tratado de arbitragem que existe para regular questões de vizinhança. Nas condições em que a questão está posta, o governo espanhol ver-se-ia grandemente embaraçado para realizar uma agressão (que só lhe poderia partir). Contra ele está a «opinião publica» popular do seu país; está a enérgica e activa opposição republicana e socialista; está a falta de pretexto na calma do povo português e na explicável prudência do seu governo... A colonia espanhola de Portugal devia celebrar hoje, em Lisboa e Porto, onde é numerosissima, uma manifestação pública de solidariedade com os portugueses e de censura a Canalejas: foi o governo português que obteve o seu adiamento para melhor oportunidade. E' também hoje que é festivamente acolhido nesta capital o deputado republicano espanhol Rodrigo Soriano, e sem dúvida se vão trocar ardentes e ruidosas afirmações de reciproca solidariedade e simpatia.

O equívoco, politicamente explorável, parece-me, pois, bem difícil.

Quanto à palavra «guerra», não deve sequer ser pronunciada. Uma guerra necessita de ambiente favorável. E a que tivesse motivos politicos ou de ideias, seria para o governo de Espanha um grave perigo interno. Se o chegou a ser até o de Marrocos, com a revolta de Barcelona!

Hoje as guerras possíveis são as de interesses financeiros e industriais, as de motivos «coloniais». As de conquista, isto é, as de anexação de países civilizados, essas mesmas já estão fora da época. O país anexo é sempre de digestão trabalhosa e só viria agravar, sem compensações económicas, as dificuldades internas dos Estados, já tão assuberdados por mil problemas e questões.

Fala-se hoje muito de patriotismo, defesa nacional, integridade da patria, necessidade de armamentos; mas isso são pretextos de governantes, financeiros, industriais, comerciantes, fornecedores do exercito, militares profissionais, para engodo do povo dos sem-patria, dos sem-eira-nem-beira, dos que suportam todo o peso da guerra e da paz armada, dos que são tantas vezes forçados pela miséria a abandonar o torrão onde nasceram e cresceram...

Ah! a prop-sito: o antimilitarista Hervé, após 26 meses de prisão, foi amnistiado pelo governo francês. Faltavam-lhe ainda anos de pena, por simples artigos de jornal; e como era um escândalo que indignava até moderados, tratando-se de um jornalista de valor e de nome, o poder republicano interveio, estendendo o perdão a mais seis militantes revolucionarios, para que não parecesse uma medida de favor. Aos seis restavam, porém, poucos dias ou poucas semanas de cadeia, continuando no cárcere ou no exilio numerosos propagandistas...

Es porque Hervé, ante esta justiça tardia e mesquinha, agradeceu ao governo generoso — com a palavra de Cambronne!...

Nuno Vasco

INFAMIAS DUM PADRE SATIRO

Crimes e mais crimes do padre Herédia — Um das suas victimas enterra um seu filho, que depois serve de pasto aos porcos.

Prosigamos no nosso pouco agradável trabalho interrompido na semana passada. A autopsia ficou em meio e ainda há muito que retalhar no putrefacto cadaver moral de d. Pedro Gomes Herédia.

E' preciso haver todas as cautelas para evitar o perigo de uma infeção, tal o estado de purulência de mau caracter em que se acha esse corpo em acelerada decomposição.

Retomemos, pois, a tarefa atirando novamente para o nosso pelourinho a viscosa pessoa desse repelente sátiro coroadado.

Já em o nosso número passado procuramos fazer um rápido retrospecto das suas inumeráveis façanhas por nós denunciadas ha algumas semanas, dizendo o porque da fuga de d. Herédia do arraial de S. Sebastião dos Correntes.

Nesta localidade as suas proezas donjuanescas contam-se, como se viu, pelos dias que elle ali permaneceu.

Levava uma vida escandalosa, sendo as conquistas amorosas a sua quasi que exclusiva preocupação. Foi por diversas vezes surpreendido, alta noite, «distarçado à paizana e de bigode postico», a rondar casas de mulheres casadas. As indecentes moças de familias pobres e sem influencia local que no confessorário lhe iam confiar os seus «peccados», raramente escapavam às suas tentativas de corrupção.

Foi nesse instrumento de devassidão que começou a seduzir a pobre moça Sebastiana Marques, cujo defforamento provocou a sua expulsão do arraial.

Quando se divulgou a noticia de mais esse crime de d. Herédia a indignação do povo, até ali contida, explodiu, e então tudo se veiu a saber.

O que até ali permanecia occulto ou era apenas comentado em medrosos cochichos, tornou-se do conhecimento de toda a gente.

E o que não se soube! O padre ganhão já havia sido expulso de Itambé do Mato Dentro, onde sofreu um processo como mandante do espancamento de uma sua ex-amante, e onde deixou diversas moças deffloradas e abandonou uma filha tida com uma mulher casada.

A indignação do povo do lugar era latente e o padre bandalho, vendo as coisas mal paradas, tratou de se pôr a salvo, fugindo na madrugada de 16 de novembro passado para S. José dos Quilombos.

Em sua companhia foi a orfã agora sua amante e que lhe fora entregue por uma mulher moribunda com o pedido de zelar pela sua honra...

Pobre mãe, a quem foi confiar a guarda de sua filha querida!...

Para occultar a falta do padre defflorador, essa pobre moça já proccou diversos abortos por meio das beberagens por elle fornecidas.

Tudo isso é grandemente infame, mas foi em Quilombos onde esse bandido atingiu ao sugo da sua fúria sádica.

São muitos os crimes por elle alli cometidos, mas começamos a sua relação pelo de maior gravidade e do qual já fizemos menção em o nosso número da semana passada. No dia 1 de julho p. p. foi a população de S. José dos Quilombos despertada logo pela manhã pela sensacional noticia do encontro na rua de um cadaverzinho de um recém-nascido, que estava sendo devorado pelos porcos.

Todo o arraial, habitualmente entregue ao seu socego patriarcal, poz-se em grande agitação, comentando toda a gente a impressionante noticia, que em breve divulgou-se por todos os arredores, chegando até S. Sebastião dos Correntes, sede da sub-delegacia do districto.

Não foi diffil saber de quem era filho a criança que tinha sido encontrada servindo de pasto aos porcos.

O facto ficou ainda mais esclarecido com o inquerito aberto pelo sub-delegado de Correntes, para esse fim já chegado ao dia 9 do mesmo mês e que registou a seguinte historia dignificante para a Igreja:

A criança encontrada era filha de Virginia Francisca de Assumpção e do padre Pedro Gomes Herédia, Virginia Francisca de Assumpção, que pertence a uma familia puríssima, tem 18 anos de idade e é orfã do pai, conta que foi des-

rada pelo padre Herédia quando o mesmo esteve em Quilombo em setembro do ano passado, fiscalizando a reconstrução da capela.

Por essa ocasião o padre safardana fê-la ir certa vez dormir com Ludurmira, a orfã que se encontra em sua companhia, e alta noite agarrou-a e à força levou-a para a sua cama.

E mais uma infeliz entrou para o rol de suas amantes.

Como a moça ficou logo grávida, preparou-lhe uma boa quantidade de cachaça com buta para que fosse bebendo até provocar o aborto.

A pobre moça disse que na noite de 30 julho deu à luz o filho do padre Herédia, suportando silenciosa todas as dores com medo de sua mãe. Depois, com muito esforço, cambaleando de fraquesa, apañou o corpo da criança, que nasceu morta, levou-o até o quintal, colocou o num buraco que ali havia, cobrindo-o depois com alguma terra e canas de milho.

Foi dali que os porcos o foram arrancar pela manha.

A pobre moça perseguida pela bestaria protetora do padre sátiro, retirou-se para Vicente Barroso e depois para S. Sebastião dos Correntes, onde ainda deve estar.

O bandido esse fugiu para Piedade de Minas Novas, de onde um breve terá também que sair deixando atrás de si o rastro dos seus crimes de padre devasso.

Falta se que alguém já recebeu 500\$ para encobrir este último crime do padre Herédia, o que não conseguirão, pois a victima continúa a aponta-lo como o seu seductor.

A seguir damos uma carta que essa infeliz dirigiu ao delegado, pedindo-lhe a sua protecção para se ver livre da canalha que pretende occultar os crimes repelentes do padre.

Eis a carta que, para atestar a sua origem, publicamos com todos os seus erros:

Ill.mo Smr. delegado. Visente Barôzo 15 de Julho de 1902.

Comprimto lhe desejando lhe toda sorte de bem istar de saúde e felicidade tanto a V. S. como toda V. sa Exm. familia Smr. Visente o fim d'esta é dizer lhi que estou aflandada ná V. S. Para toniar conta deste crime para mim e não deixar eu sofrer pois por causa de eu dizer a verdade que aquelle malvado me fêz este grande mal revoltarão se contra mim que me axo aqui hoje neste lugar sem protecção alguma por isto lhi peço pela vosa imensa bondade e Gentil diligencia tenha dô d'esta pobri infeliz que alem di ter tao triste sorte ainda ôdiad: por causa de dizer o que era por isto tenho confiansa no Smr. como um bom pae de familia; tambem terá dô d'esta pobre filha sem pai que por grande ignorancia cahiu a esta triste sorte lhi peço pelo amor que tens em voso pai e vosa mãe sua Sar. e seus filhinhos tenha dô d'esta pobre infeliz se axá em tao triste fado aquelle disgracado padre Pedro de nada me vali mas hei de dizer o que elle me fez até na hora de minha morte sem mais a dizer lhi recomendo a vosa Sar. embora eu não lhi cothecer.

Sou de V. S. Respeitadora Obr. e Cr.

VIRGINIA FRANCISCA DE ASSUMPCÃO.

No próximo número proseguiremos na relação das proezas desse grande devasso que, acobertado pela impudência que lhe dá a batina, anda pelo sertões de Minas a corromper pobres moças indefesas.

E esses corvos daninhos continuão a abusar assim, por toda a parte cometendo os seus crimes infames, enquanto o porco não se es-corraçar desapidadamente de uma vez para sempre.

Não ha que escolher, pois são todos iguais, todos trabalham com um mesmo odioso fim: embrutecer o povo com estúpidas crencas para que ele se deixe tosquiar pacientemente.

E' preciso declarar-lhes uma guerra sem tréguas e que se termine quando a sua raça infame seja esmagada sobre os escombros desses marcos de degeneração humana — as Igrejas — onde se armam as tendas de exploração da pobre gente.

# Noli me tangere

a obra prima da gloriosa victima dos jesuitas José Rizal, vilmente fuzilado em Manila, como revoltoso contra o dominio espanhol, em virtude das miseráveis intrigas contra ele urdidas pela corvalhada negra: agostinianos, capuchinhos, etc., etc., que, vindo em José Rizal o mais temível adversário recorreram aos meios vis que lhes são familiares para o aniquilar.

## NOLI ME TANGERE ou NO PAIZ DOS FRADES

é um romance admiravelmente escrito, narrando toda a sorte de crimes cometidos nas Filipinas, pelos frades que, dali expulsos pelos heróicos tagalos, estão cavando agora a nossa desgraça, a desgraça deste pais. Esse empolgante romance, especialmente traduzido por Neno Vasco e que tanto successo alcançou entre os leitores da Lanterna, foi por nós editado em elegante volume de 186 páginas.

PREÇOS DE CADA EXEMPLAR: 800 réis na redacção e \$100 pelo correio.

É encontrado nos seguintes pontos:

- Em S. Paulo: — Livraria Moderna, Travessa do Braz. — Livraria Lealdade, Rua de S. Bento, 51.
- No Rio de Janeiro: — Redacção da Guerra Social, rua da Alfandega, 182 (sob). — Agencia de Braz Lauria, rua do Ouvidor, 181.
- Em Campinas: — Agencia de Antonio Albino.
- Em Ribeirão Preto: — Livraria Sallas, rua Amador Bueno.

## CONFETITOS BIBLICOS

Deixamos a Moisés assombrado, vindo a sarça arder sem se consumir (o caso não era para menos) e aproximando-se para ver de perto. Mas do meio da sarça chamaram: — Moisés, Moisés. — Quem diabo será? E disse logo em voz alta: — Aqui estou. Era Deus em pessoa quem falava. Disse a Moisés que não se chegasse e que tirasse os sapatos, por estar em terra sagrada. Desgraçados dos sapateiros, se houvesse muita terra daquela qualidade!

Disse-lhe que era o Deus de Abrahão, Isaac e Jacob, e Moisés tapou a cara, não ousando fitá-lo. Processo geitoso, pois assim não tinha que explicar ao povo como era feito Deus... Vira Deus a aflicção do seu povo, ouvira o seu clamor e resolveu «descer», para o livrar dos egípcios, levando-o para uma boa e larga terra, com arroyos de leite e de mel (que pechincha!), habitada por vários povos. Deus era partidário das conquistas e seguia a politica colonial.

O Deus de Israel terminou a sua arenga, enviando Moisés a Faraó e incumbindo-o da missão de tirar do Egipito os filhos de Israel. Os deuses, apesar do seu poder, são inimigos da acção directa. Fazem tudo por meio de intermediários. Bastando-lhes apenas desejar para realizar, nunca dispensam todavia delegados e deputados! Singular mania e extraordinária preguia! Decerto estão feitos com os marotos dos intermediários ou estão comprados por estes...

Moisés fez-se rogado, fingiu-se modesto, disse a Deus que é incompetente e foi só depois de muito instado e intimidado que... Esta modestia e esta esquivança eram de grande efeito para o povo e davam a historia uma forte cor de verdade... Que finório!

### O Confeitiro.

## Polas publicações

BREVÍARIO, verso de Raimundo Reis. Poeta e Critico. Rua de S. João, 800. S. Paulo — 1912.

Venho bastante tarde dar conta do meu encargo: a «critica» do livro de versos do nosso bom camarada.

Felizmente, o encargo é facil, porque destes versos pode a gente dizer francamente bem, sem necessidade de prestar homenagem a amizade, com disfarces e subterfugios e com prémios de consolação... Mas esta facilidade, naturalmente, não se refere a essa coisa que tem direito ao nome grave e sério da «critica»: não sei exactamente o que isto venha a ser e não posso mais do que exprimir rudes e despretenciosas impressões.

Quais seriam, porém, essas impressões, se eu não tivesse conhecido, durante breve tempo embora, a pessoa do autor? Não sei; mas sei que me é impossível, ao ler estes versos suaves e cândidos, deixar de ver constantemente por trás d'elles, como através dum tenuissimo vau luminoso, a figura do nosso poeta. E assim os versos, para mim como certamente para todos os que conhecem o autor, animam-se de uma dupla vida e adquirem uma dupla força de expressão.

Os versos do nosso bom Raimundo Reis espelham fielmente o poeta, e o poeta confirma os versos. Eles di-

zem nua e crua a sua alma, a sua fisionomia. É ele próprio, parecidíssimo, não há que duvidar, desde o seu sorriso ao seu mais particular modo de ser. Não há artificios, não há retoques.

A insistência amorosa com que ele se refere a familia, o cuidado terço que ele toma em dedicar a cada um dos seus suavidades carinhosas, a maneira ingénua e delicada como elle trata dos seus amores, os seus próprios humorísticos e brincadeiras inocentes, tudo isso é ele, em carne e osso. Ler-lhe os versos é tê-lo em frente, affectivo e bom.

É verdade que quem ler a Canção bohemía pode ser induzido em erro por um ou outro verso... Eu apenas sorri daquela extravagância unica. Não acreditem: essa poesia é um doce divertimento. É só para rir, com um sorriso ingénuo... O nosso poeta «bohemio»... a invocar o «deboche»!... Ora adeus!

A sua alma terna e ingénua está em tudo, até nas paisagens que elle nos pinta. E que terna de cor!

Tarde de aldeia:

Açotia o vento a ooma da palmeira  
Receita, silva como um velho sobre...

é um soneto encantador. E outro, o XIX da Via Sacra, faria a reputação dum poeta. Quanta simplicidade de forma, aliada a tanta riqueza de expressão e de simbolo! É o que succede ainda, por exemplo, a um outro formoso sojeto — A uma freira suicida.

Não quero saber se o poeta está já na posse perfeita e segura da tecnica. Aqui e ali há por certo quebras de cadência, ingénuas gaucheries, desigualdades de ritmo. Creio que as poesias reunidas no volume pertencem a épocas diversas e graus diferentes de progresso. Não é isso, aliás, um defeito ou um mal, a meu ver: o poeta fez bem em juntar e publicar tudo. Deus assim mais francamente, mais completamente, com mais despreocupada sinceridade. Mostrou-se todo tal qual é e tal qual se veio transformando.

E isso mesmo é uma firme promessa de que a sua segura evolução proseguirá.

Raimundo Reis é poeta a valer, profundamente poeta, todo espontaneidade e todo ingenuidade. Note-se que eu repiso «ingenuidade», porque, para mim, essa virtude é uma qualidade fundamental dos poetas.

E sendo poeta espontaneo, e sabendo já manejar o verso, forçosamente se apossará cada vez mais da sua arte, e cada vez mais porá nella o fulgor da sua alma.

N. V.

## Liga Anticlerical

### do Rio de Janeiro

#### A NOVA SEDE

São convidados todos os amantes da liberdade a assistir amanhã, às 8 horas da noite, à inauguração da nova sede desta Liga, a rua Marechal Floriano 1º exoto, 118.

Será também inaugurado um retrato do martir do clericalismo — Francisco Ferrer e uma reprodução do auto-de-fé em que foi queimado o grande Jordano Bruno.

Que nenhum inimigo da seita romana falte a este acto de regosijo e propaganda. — S. B.

Como os leitores vêem, os companheiros da Liga Anticlerical do Rio não arrefecem o seu ardente entusiasmo pelo desenvolvimento da valorosa organização que tão boas iniciativas já tem levado a efeito no Rio.

A esses dedicados amigos enviamos as nossas calorosas felicitações, augurando que o seu exemplo de actividade possa alentar os companheiros de outras cidades.

## Bíblia vermelha

Creio que a pessoa humana deve tender à liberdade completa absoluta. Creio que qualquer oppressão chama a revindicação e que qualquer oppressor, individual ou colectivo, se expõe á violência.

Quando um homem insultado, arrebatado pela sua cólera, se vinga contra a Sociedade que o criou mal, alimentou mal, aconselhou mal, que tenho eu para dizer? E' esse o resultado de horribes forças, a consequência de paixões fataes, a explosão de uma justiça rudimentar. Tomar partido contra o desgraçado para justificar assim de um modo indirecto todo o sistema de perversidade e de oppressão que pesa sobre elle e sobre milhões de semelhantes, nunca.

A minha obra, o meu fim, a minha missão, é consagrar toda a minha vida a fazer cessar a oppressão, a fazer chegar o periodo de respeito da pessoa humana, a viver, a morrer neste empenho.

Eliseu Reclus.

## NO PERU'

### Um inferno da actualidade

São dizimados, com torturas e suplicios infernais, dezenas de milhares de indios.

O Livro Azul, que o governo inglês acaba de publicar, encerra paginas em que se encontram narrativas cujo horror ultrapassa tudo o que a sombria imaginação de Dante poderia imaginar.

Trata-se de um relatório severamente documentado dirigido ao seu governo por sir Roger Casement, por elle encarregado de averiguar acerca do tratamento infligido por uma certa companhia peruviana aos desgraçados indios que emprega na exploração do cauchou no vale do Potomayo. Sir Roger Cosemenc percorreu demoradamente essa região, colheu testemunhas, reconheceu os vestigios indeleveis dos suplicios marcados na carne das victimas. E' o resultado desse inquérito que o governo inglês publicou no Livro Azul a que aludimos.

Logo nas primeiras paginas do relatório se entreve com que ferocidade essas populações suaves e inofensivas foram trituradas, massacradas, dizimadas pelos seus desumanos exploradores. No começo deste século, a população do districto de Potomayo era avaliada em 40 a 50.000 indios. Decorreram 12 anos. Essa população é hoje apenas de 10.000. Livres e felizes até á chegada dos agentes da companhia em questão, foram reduzidos a escravos, logo que esses agentes plantaram as suas tendas junto das suas cabanas de folhagem. Nada mais vulgar no alto Amazonas do que ouvir um branco dizer: «os meus indios»; «o meu rio...»

Uma tribu india, uma vez conquistada, torna-se propriedade do seu vencedor. Se alguns dos seus membros procura escapar pela fuga aos inaus tratos de que é objecto, caçam-o como uma fera e os próprios magistrados interveem para facilitar a sua captura e assegurar a sua restituição ao seu «proprietario». Quanto aos suplicios infligidos aos desgraçados indios, sir Roger Casement faz deles uma dolorosa enumeração. A flagelação era a pena mais trivial. Aplicava-se a propósito de tudo, muitas vezes por simples distração, após um jantar lauto, ou uma ceia copiosa. Todos os acampamentos que o delatado inglês visitou tinham invariavelmente um cepo, a que se amarravam as victimas para uma cruel flagelação. Era tal a submissão dos pobres indios que nem mesmo era preciso amarrá-los ao cepo para os fustigar. Eles próprios se estendiam ao chão, para receber as chicotadas que lhes arrancavam a pele das costas.

O indio encarregado da colheita da borracha quando reconhecia que não trazia a quantidade fixada, deixava-se por terra voluntariamente para receber o bárbaro castigo. O castigo agarrava-o então: batia-lhe com a cabeça de encontro á terra até ficar todo ennumqueitado, e em seguida começava a flagelação. Muitas vezes os ferimentos eram tais que a gangrena se declarava. Nesse

caso, a victima era abatida a tiros de revólver. A imaginação dos torturadores era fecunda, por isso é bem de crer que se não limitasse á simples fustigação. Algumas vezes os indios eram crucificados, com a cabeça para baixo. Muitas vezes, os pacientes, amarrados a um poste, eram queimados vivos. A mentalidade dos agentes da Companhia do Potomayo é tal, diz sir Roger Casement, que se orgulham das barbaridades cometidas. «Marcar o caminho» é como elles chamam o deixar atrás de si uma esteira de cadáveres.

## Raciocínio tipico

O sacristão da Sé de Evora entrou numa conspiração para restaurar a manarquia em Portugal. Era o encarregado de distribuir o armamento.

Um redactor do Mundo, de Lisboa, teve com elle uma palestra. Da resenha dessa entrevista transcrevemos o seguinte trecho:

— E sendo o senhor um cristão, um homem religioso, não lhe repugnava pegar em armas para matar o seu semelhante? Fez uma careta e respondeu melifluamente; — Eu não fazia caso daquilo para nada. Entreguei as pistolas e disse-lhes que fizessem dellas o que quizessem; não disse que matassem...

E' o raciocínio tipico dos jesuitas, do homem de igreja: ele entregava as armas, mas não dizia que matassem, nem era elle que matava...

Repugnante e pequenino, não é verdade? Não é incomparavelmente mais digno, nobre e simpático o que assume francamente a responsabilidade do seu acto, seja embora esse acto nefasto e retrógrado?

## TRADUÇÕES

PERSONA HABILITADA COM UM CURSO SUPERIOR E COM UMA LONGA PRÁTICA DE TRADUCTOR INCUMBE-SE, POR PREÇOS RAZONÁVEIS, DE TRADUÇÕES PORTUGUEZAS DO INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO E ESPANHOL, DE CARACTER TECNICO, SCIENTIFICO OU LITERÁRIO, BEM COMO PARA CATALOGOS, VERSÕES ENMERADAS E ESCRITURAS. TRATA-SE NESTA REDACÇÃO.

## DIVERSÕES

Theatro Colombo — Durante a semana que finde foram ali exhibidas fitas bellissima e de grande concepção artistica.

Os 3 Arleys, com seus 9 cachorros amestrados alcançaram tal successo, levando a este teatro uma concorrência tão grande, que a empresa foi forçada a suspender a venda de bilhetes em algumas noites.

Hoje haverá espectáculo com bons films, tomando parte no mesmo os 3 Arleys.

Amanhã haverá matinees ás 2 horas da tarde, com programa escolhido a capricho.

Jockey-Club — Estiveram muito animadas as corridas realizadas no Prado da Mooca no domingo passado, as primeiras da presente temporada.

Amanhã correrão bons pareos, havendo grandes premios para os vencedores.

## NUCLEOS DA VANGUARDA

### EM S. PAULO

Grupo Guerra Social — Declaração — Nós abaixo assinados declaramos que recebemos do companheiro Miguel Guerrero 440 exemplares da edição da «Evolução, Revolução e Ideal» Anarquistas para serem vendidos em beneficio do jornal de Guerra Social do Rio; e por fé assumamos a presente declaração para as consequentes responsabilidades. Pinaes Grassini, João Felipe, Rodolfo Felipe, José Sanches, Nilo Ferreira, Emilio Felipe.

S. Paulo, 23 de julho de 1911.

Círculo de Estudos Sociais Conquistado do Ferrir — Na sede deste Círculo, na rua S. Domingos, 25, realizar-se-á amanhã, domingo, ás 2 e 1/2 da tarde, uma palestra de propaganda.

## Está á venda

o restante da edição do esplendido livro do grande sociologo ELISEU RECLUS

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista

custando 1\$500 e exemplar e mais 200 réis pelo correio.

## A NOSSA IMPRENSA

### A Guerra Social

Este valoroso campeão da propaganda libertaria no Brasil reencetará, como já noticiámos, a sua publicação por todo o corrente mês, provavelmente no dia 14, feito em tipografia própria e contando com o decidido apoio de uma pleiade de inteligentes moços, valorosos pioneiros do grande ideal que com tantos adeptos já conta por este vasto pais.

A sua redacção está agora na rua da Alfandega, 182, no Rio. Nesta capital o estimado colega encontrase-á á venda na nossa redacção e nas agências da Lanterna.

### O Livre Pensador

Este nosso prezado companheiro de lutas, que sob a direcção do infatigavel Everardo Dias há dez anos se bate nesta capital pelo triunfo da causa do Livre-Pensamento — festejou a 1.ª de junho p. passado o seu aniversário.

Nós, que sempre acompanhamos com interesse a luta do velho campeão do Ideal, pedimos-lhe que aceite, pelo ampicioso acontecimento, o nosso abraço fraternal de parabem, que, por ser tardio, nem por isso deixa de ser menos efusivo.

### A Verdade

Deve reaparecer hoje, sábado, no Rio, este valente periódico da classe dos empregados em cafés, restaurantes, hotéis, bars, etc., adotando, como na sua primeira fase, as bases sindiclistas, as únicas que poderão emancipar os trabalhadores do jugo do salariato.

Que reapareça a valente colega, cheio de dedicação e amor pela causa dos oprimidos.

### A Revolta!

E' este o titulo de um novo semanário de propaganda que, por todo o corrente mês, apparecerá como organ do activos sindicatos operários reunidos na Federação Operária de Santos.

Esperamos ansiosos o novo baluarte da causa dos trabalhadores.



### A Providência

Em Copiégne, França, caiu um raio sobre o campanário da igreja de Sant'Iago, suberbo monumento original, que desabou sobre a casa vizinha. Que vandalismo... providencial!

Para guardar a casa de Deus contra os actos do próprio Deus... é preciso um párraio.

## Vida operaria

### EM S. PAULO

União Gráfica — A organização dos gráficos de S. Paulo vai em crescente progresso, aumentando animadamente o número dos seus associados.

Para a primeira quinzena do próximo mês, está a União organizando uma velada de propaganda, á qual deverão comparecer representantes da Federação Gráfica do Rio e de algumas cidades do Interior.

Será também dentro em breve iniciada a publicação do organ do sindicato, que já instalou a sua sede na rua do Riachuelo, 43, onde está organizando uma sala de leitura.

A Liga dos Trabalhadores em Madeira, a União dos Artífices Sapateiros e a União dos Alfaiates e Costureiras proseguem nos seus trabalhos de arrigimentação das respectivas classes, devendo em breve se instalarem em uma sede unica.

A velha União dos Canteiros também continúa a trabalhar em favor da sua classe, publicando mensalmente O Operário Canteiro.

## A cremação dos cadáveres

No dia 22 de maio, o conhecido propagandista do livre-pensamento dr. Magalhães Lima realizou em Lisboa, na sede da Associação do Registo Civil, uma interessante conferência sobre a cremação dos cadáveres. Como este assunto tem sido aqui pouco discutido, julgamos conveniente dar uma resenha do discurso.

### O valor da antropologia

Estudando o assunto através dos séculos, trata, antes de tudo, das velhas credencias e superstições em que esteve mergulhada a humanidade enquanto a antropologia não construiu a «ciencia da humanidade», como não bem a definiu James Hunt. E passando em revista o estado de arreio dos povos durante os séculos que a luz demorou a chegar ao espirito dos homens, cita exemplos como Filão e Esculpio, que combateram, ainda antes da era christã, a biblia con-

saica, e vem depois caminhando através da história até chegar ás theorias de Lineu, que deu lugar marcado ao homem na classificação zoológica, e ás de Gumper, Buffon e Blumenbech, que embora deixassem as suas obras com erros e lacunas, por falta dos necessários materiais, nem por isso deixaram de servir de base para que mais tarde William Edwards, Prichon, etc., continuassem essa obra, que começou a caminhar vertiginosamente para o seu auge, quando, em 1855, Quatrefages, nomeado para uma cadeira de antropologia na Universidade de Paris, foi dando a esta sciência o lugar que lhe competia entre os conhecimentos humanos, lançando por terra as mentiras bíblicas, explicando ao homem o que fóra a sua infância e qual o seu lugar actual na natureza.

### A cremação na antiguidade

O crente depois de largas explanações sobre a sciência antropologica, referiu-se á obra do dr. Mal de Cristofaris, presidente da Sociedade de Cremação, de Milão.

A incineração dos cadáveres não é uma inovação recente. Data de muitos séculos antes da nossa era.

Emquanto os egípcios embalsamavam os cadáveres para os conservar, durante muitos séculos, outros povos, mais práticos e esclarecidos, os queimavam para lhes guardarem as cinzas.

Isto succedia milhares de anos antes de Christo. Doze séculos antes da nossa era já na Grecia se incineravam os cadáveres.

Não se pôde afirmar que o uso de destruir rapidamente os cadáveres, por meio de incineração, viesse substituir o antigo sistema. Mas está provado que este costume, praticado por alguns povos arianos, foi muito acolhido e generalizou-se, quer fosse por causa das condições higiênicas, quer fosse para preservar os defuntos de qualquer profanação, quer fosse, ainda, para mais facil transporte dos despojos mortais.

A religião brahmanica não conhecia outro sistema funerário que não fosse o da incineração.

Entre os heleños, em Roma, nos tempos da sua maior grandeza, na Gália, na Germania, da Escandinavia, na Noruega, em Ceilão, na Asia, na China e no Japão (especialmente no reino de Sião) em toda a parte a cremação era o simbolo da immortalidade da alma; em toda parte ella se realizava com um aparato muitas vezes faustoso. Em Sião, até os cadáveres dos guerreiros e reis eram guardados, durante um ano e mais, com o fim de conseguir o tempo necessário para dispor as magnificências da cremação.

O próprio cristianismo, tal como se diz ter sido pregado pelo seu fundador, não impunha qualquer sistema de fazer desaparecer os mortos. Foram as Igrejas, especialmente a cristã, cujo exemplo foi seguido p. a muçulmana, que, para satisfação de interesses vis dos seus ministros, concorreram para a decrescência da incineração e sua substituição pelo simples enterramento.

### A cremação nos tempos modernos

Alguns povos nos tempos modernos tem em tanta conta o principio de incineração dos cadáveres, que a praticam especialmente com os corpos dos altos personagens, dos nobres, dos chefes de tribu, dos padres, dos filósofos, etc.

Na India, onde ainda há pouco as mulheres eram obrigadas a acompanhar na fogueira os maridos falecidos, o cadáver, com a cabeça voltada para o norte, era envolvido numa tela gordurosa. Queimavam-no numa fogueira feita de madeiras aromaticas, sandalos e flocos, lançando-lhe gordura de tempos a tempos, para que o fogo fosse mais vivo.

Em Ceilão a cremação é reservada exclusivamente para as altas dignidades, clero bódico, etc., e em Camboja e algumas tribus australianas enterram primeiro o cadáver durante alguns dias, com o fim de preparar as ceremonias, depois do que o desenterram e o queimam.

Os australianos tem três formas de destruir os cadáveres: o simples enterramento, a incineração e o seccão ao ar livre.

Nos tempos modernos, menos sujeitos do que os antigos ás influências dos principios abstractos, das religiões, dos habitos, dos prejuizos, e mais desejosos de estudar as novas necessidades da vida, modificada por inúmeras causas, que é desnecessario mencionar: os tempos modernos, empolgados pela poderosa influencia do progresso, pelo surgir de novas sciencias, invadidos por novas ideias de ordem positiva e social; os tempos modernos, dizem, renovam o conflicto entre a inumação e a cremação.

### A cremação e a hygiene

Em todos os países onde higienistas se têm occupado do assunto, sob o ponto de vista da salubridade pública, tem-se sempre invocado as mesmas razões. As objecções são as mesmas, contra a pratica dos enterramentos. A série de folhetos e de memorias sobre a cremação, publicados nos últimos anos, é já copiosa, occupando a Italia o primeiro lugar. Vejamos, pois, o que dizem algumas personalidades sobre o assunto:

Diz o professor G. Paoli: «O que faz a natureza do cadáver humano?»

«O organismo humano, quando deixa de funcionar, rapidamente se entrega a si próprio, ás leis físicas e químicas que reconduzem os componentes ás combinações mais simples, tais como agua, gases, acido carbonico, hidrogénio carbonado, amoníaco e alguns sais mineraes, nos quais entram principalmente o cálcio, o magnésio, e potassa, e soda, o óxido de ferro, etc. Ficam estacando simplesmente gases e cinzas. Todos os produtos de vegetação ás utilizam. «Logo que o cadáver humano, composto de 77 partes de agua e 23 partes de materia solida orgânica, e cinzas,

expelli para o ar toda a sua agua em estado de vapor, assim como todos os seus principios gasosos, não resta mais do que terra e cinzas. A parte material do homem regressa assim a massa do globo e, juntando ao solo camadas fecundadas, vai servir de alimento aos vegetais e aos animais de ordem inferior, o que quer isto dizer que vai viver sob outras formas. A metamorfose, no sentido químico, é uma lei natural, demonstrada até a ultima evidencia. E' benfiteira e higienica.

«E' isto o que faz a natureza. E comp'rocede o homem?» Impellido por louvaveis motivos de affecto, ou por respeitaveis principios religiosos ou mesmo pelo cuidado duma hygiene mal compreendida, tenta subtrahir o seu despojo a estas leis providenciais e retarda tanto quanto pôde esta desagregação necessaria; prolonga indegnidamente o desaparecimento da putrefacção com todos os inconvenientes que isso importa e faz do seu cadaver origem de innumeros males para os vivos. Inensos terrenos inutilmente sacrificados, pestilenciais effluvis esparlhados na atmosfera, aguas potaveis alteradas ate na superficie, tais são, com effeito, os funestos e ordinarios resultados da inumação.

Seguidamente o conferente citou varias opinioes, como a do dr. Reide, que viu algumas covas que eram verdadeiros pozos de acido car'ônico; dr. Playfer, que demonstrou a quantidade de gas deleterio que se eleva cada ano a 55,261 pés cubicos pela decomposição de 117 cadaveres por cada geira de terreno, e outros que affirmam que a putrefacção dos cadaveres não contém somente uma mananciaal de ammoniaco, de acido sulfúrico e carbonico, etc.

O ponto de vista judiciário

Passa depois o orador a encetar a questão sob outro ponto de vista, o judiciário, em que é preciso desferir objecções de certos homens de justiça, que em nome dos interesses da mesma se insurgem contra um processo que, dizem elles, favorecia os que, por envenenamento, arrancassem a vida a outrem, deixando, graças a acção destruidora do fogo, o crime para sempre envolto no mais duro mysterio. O orador demonstra, com observações estatísticas que a porcentagem dos crimes de envenenamento é relativamente inferior. Assim, na Italia, por exemplo, houve, em 1880 para um totalidade de 3.943 crimes, 19 de envenenamento; em 1881 registem-se 30 para 3.797 e a e em 1882, se registam, entre um total de 3.163 crimes, apenas 3 de envenenamento. Cal, portanto, pela base toda esta argumentação medico-juridica, pois o numero de envenenamentos que poderiam escapar ás investigações judicias não atingiria nunca cifra que se parecesse com a das pessoas intoxicadas pela proximidade de dos cemitérios, que viclam o ar e inquinam as aguas.

E o orador vai á historia judiciária da Austria, da Belgica, etc., buscar factos que provam a pouca importancia dessa argumentação medico-judiciária contra o sistema da incineração, importancia que quasi se pôde considerar nula em face das vantagens que desse processo vem para a humanidade em geral. Além disso podem acatar-se precauções, como as que a sociedade milanesa de cremação propôs, e que foram sprovadas pelo governo italiano.

1. A certidão de óbito, passada pelo medico assistente, será por este encerrada em envelope fechado; 2.º o consentimento da sociedade de cremação para a incineração; 3.º tificação do officio do registro civil; 4.º autorização da autoridade judiciária, que a requisaria nos casos de morte suspeita, violenta ou súbita.

O estado da questão

O dr. Magalhães Lima, para provar que a cremação dos cadaveres não fere os sentimentos religiosos, diz que o abade Scipion Piattoli, já em 1776, no seu livro Saggio intorno al luogo di seppellimento se lhe declarava favoravel.

Descreve que durante a campanha da Russia os corpos dos soldados francezes foram queimados. A seguir a Italia promoveu a primeira cremação.

Refere-se depois aos trabalhos, nesse sentido, executados por uma academia alemã, bem como a uma memoravel sessão, na Academia de Ciências de Padua, em que Ferdinand Coletti leu uma memoria sobre a incineração dos cadaveres, na qual, em poucas paginas, disse tudo quanto se pôde dizer para sustentar a necessidade de tão civilizadora instituição.

Refere-se aos congressos de cremação, onde se tem discutido e encareado o assunto sob todos os pontos de vista. No quarto congresso da cremação, que se realizou em Bruxelas, em setembro de 1910, e a que assistiu grande numero de partidários da incineração dos corpos, o presidente sr. Georges Tosquet disse que o congresso devia ser classificado na categoria daquelles cuja preocupação é o interesse geral: fazer triunfar definitivamente o método de hygiene mortuária, constituído pela incineração. Tal é o seu fim. Em seguida o presidente deu as boas vindas a todos os congressistas e saudou as nações que eles representavam.

«O governo belga, disse o sr. Tosquet, recusou-se a proteger o congresso de cremação. Não admira. E' um acto de intolerância que, mais uma vez, caracteriza a sua mentalidade fanática.»

Refere-se, depois, ás diversas etapas do movimento a favor da cremação, há 34 anos, época em que principiou em Italia. Forneceu interessantes detalhes do mais alto interesse, notando que o primeiro forno crematório que se construiu na Europa foi em Milão, em 1875. Actualmente existem 85 fornos crematórios na Europa, e 133 no mundo. Em 1876 realizaram-se 4.779 incinerações. Em Inglaterra, no ano ultimo, realizaram-se 855 incinerações; 6.359 em França e 765 na Suissa.

Em certa altura, o orador pronunciou o nome do unico portuguez que até hoje foi incinerado: o capitão de mar e guerra, Ferreira de Almeida, falecido em Lione (Italia).

O aspecto económico

Passa depois a occupar-se do lado económico da questão, mostrando quanto a cremação é mais barata que o enterramento. Baseando-se nos cálculos do sabio professor dr. Mai de Cristoforis, o orador prova com algarismos que, ao passo que cada inumação importa em cerca de 38350, cada incineração custará apenas 14440. Outra conferencia tratará o orador dos diferentes aparelhos de incineração, especialmente do forno ambulante, construido pelo capitão Rey, do exercito italiano, para a sociedade crematória de Milão, e do crematório fixo, de Paul Gorini, que actualmente funciona no cemitério monumental de Milão, e nos de Lodi, Cremona, Varese e Roma, dos quais fará minuciosa e interessante descrição.

Apelo

E termina com um caloroso apelo á boa vontade de todos para auxiliar esta campanha que se impõe, aos portuguezes, que, durante tantos anos, mantiveram uma luta tenaz em favor do divórcio, da obrigatoriedade do registro civil e da separação do Estado das Igrejas. Não tem o direito de descansar sobre as conquistas realizadas. Outras não menos importantes se lhes antolham, e é esta uma das mais urgentes. Os clericais vão opor-lhes tenaz e encarnada resistência. Não importa. A obra da Republica Portuguesa ficaria incompleta se tal conquista não se tornasse quanto antes realidade em todos os seus cemitérios. Se os preconceitos se opõem, nisto como em tudo o mais, á felicidade dos povos, derubemo-los um a um.

Nesta nova campanha tem a certeza de que não deixará de encontrar eco em todo o pais o apelo da Associação do Registro Civil, que tanto tem lutado para dissipar o obscurantismo e para combater o fanatismo e a superstição religiosa. Nesta nova pugna em favor do processo rápido, económico e higienico de fazer desaparecer os cadaveres, ha-de a razão prevalecer sobre as ficções, destruindo, em nome da sciencia, argumentos falsos e infantis com que o clericalismo quer manter o rotineiro processo da inumação, condemnado em nome da hygiene e dos mais rudimentares preceitos da civilização. E' preciso obter da Câmara Municipal de Lisboa a breve realização da resolução já por elle tomada nesse sentido, pois a criação de um forno crematório em Lisboa é uma medida que está no espirito de muitos e é reclamada por todas as consciências civilizadas.

Gesú Cristo non è mai esistito

A cura della Casa Editrice Mercedes Gomes Ristori, è uscito dai torchi lo splendido libro di Millesio (avv. Emilio Bossi): Gesú Cristo non è mai esistito.

Impossibile è dare un'idea, sia pure approssimativa, della magnificenza e dell'importanza del libro in una breve recensione.

Il libro che raccomandiamo caldamente ai compagni ed agli studiosi in generale, trovasi in vendita al prezzo di 2\$000, spese postali in più.

Le ordinazioni accompagnate dal relativo importo, possono essere indirizzate alla nostra redazione, o direttamente alla Casa Editrice Mercedes Gomes Ristori, Casira 1167 - S. Paulo.

FABRICA DE FUMOS BRAZ

FUNDADA EM 1887. Escusado é dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado. Pereira & Comp. Avenida Ranget Pestana, 60 - S. Paulo

ventude ansiosa de beleza! Unirem-se para sempre! Selarem o seu imutavel juramento de amor com um beijo sem fim!

Saiu. Naquele momento resou na calçada um rumor de rodas, e um grito, um espantoso clamor rasgou o silencio da noite. Griff ladrrou furiosamente. O Cavaleiro deteve-se, com o coração oprimido, sufocado.

— Oh! murmurou elle, parece... a voz... de Margarida... Que loucura!... Vamos... Ela espera-me...

Em poucos saltos, viu-se na rua seguido por Griff e deixou a correr. O seu cérebro era trabalhado por um terrivel presentimento: o grito que acabava de ouvir ecoava-lhe nos ouvidos como o apelo dum moribundo. Oh! se não se tivesse enganado!... Se fosse a voz de Margarida!

Respirou em breve, aliviado, quando viu de longe a casita tão conhecida. Estava tranquilla, pacifica, com a luzinha a dizer-lhe:

— Aquella que tu amas está aqui... Espera-te... Ides partir juntos para a ditosa realiação do vosso sonho atul...

O cão caminhou adiante. Alguns segundos depois, o Cavaleiro, palpitante, embriagado de felicidade, achava-se diante da porta, daquella porta que nunca transpusera!

Margarida, Margarida! chamou elle contentado a custo as palmeações do coração.

Do interior, para onde se precipitara o cão, respondeu-lhe um vivo longo e quizzoso. Espantado, com a testa banhada em suor frio o cavaleiro repetiu o seu grito, com voz dilacerante:

entrevi como num sonho o leito virginal, a corolla de noqueira, o alto relógio reluzente, as cortinas com grandes flores azues... Vacillante, foi abrir a porta do fundo, repetindo com a mesma voz estranha e o mesmo grito cheio de um desespero imenso. A casita estava vazia! Visitou tudo, foi até ao fundo do jardim: nada! Estava só, bem só!

Voltou ao primeiro compartimento — o quarto de Margarida — viu-se num espelho pequeno: estava livido.

— Oh! exclamou elle com voz tão triste, tão angustiosa, que parecia o grito dum animal que mata. Oh! meu pobre anjo adorado!

O golpe era rude demais para aquelle moço, cuja exquisita sensibilidade era duplicada pelo desespero. Abandonado pelas suas forças, caiu como uma massa.

Quanto tempo ficou desmaiado? Davam as duas em Saint-Vulfran quando o Cavaleiro de La Barre, estendido no pavimento do quarto, fez um movimento. Griff lambia-o soltando debéis e reprimidos latidos. João abriu os olhos e murmurou:

— Margarida...

Não se lembra... ainda. Vagueava-lhe nos lábios um sorriso extático. Esperava ver aparecer a sua adorada, que ia inclinar para elle o seu rosto gracioso e dizer-lhe com a sua voz terna como uma melodia:

— Meu amor... vem... já é tempo de fugirmos...

Fugir! Esta palavra que voltava á imaginação do Cavaleiro, recordou-lhe a horrivel realidade. A recordação acudia ás torrentes, dolores, lacrimas, como a sensação dum ferido que se tenta a abrir com a lâma. Ergueu-se, dando um grito de desespero...

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS

- A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho 2\$000
H. Malatesta, Programa socialista marxista-revolucionario Prof Saturnino Barboza, Poema Transcendente 1\$100
B. Peres Galdós, Electra, (dramas antilógicos em 3 actos) 1\$2000
Messa Botto, O Papa Negro 2\$000
Otaviano Beinekt, Um como não ha muitos, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos) 1\$8000
Carlos Dias, Semeando para Colher 2\$300
Paulo Bertheloth, Evangelho da Hora 2\$900
Guerra Junqueiro, A Velhice do Padre Eterno 2\$900

EM ESPANHOL

- Rutgers, Las Guerras y la Densidad de la Población 1\$108
Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia 1\$108
C. S. Darrow, Crimen y Criminals 1\$100
André Girard, Educación y Autoridad Paternal 1\$100

EM ITALIANO

- Romanzo di un Donna, Angelo Longaretti 1\$500
Almanacco Libertario illustrato 1909 2\$300

EM FRANCÊS

- Les Prisones, Pierre Kropotkin, L'Esprit de Révolte 2\$300
Bene Chaugli, La Femme Esclave 1\$100
Jean Grave, L'Éclaireur pour l'Action 2\$300
Eliade Reclus, A mon Frère le Paysan 2\$300
Jean Grave, Si j'avais à parler aux Electeurs 2\$300
Charles Albert, Patrie, Guerre, Casernes 2\$200
Eliade Reclus, Evolution e Révolution 1\$100
Urban Gobier, Aux Femmes 2\$300
E. Malatesta, Entre Paysans 1\$100
M. Nettlan, La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière 2\$300
Maro Pierrrot, Sur l'Individualisme 2\$300
Louis Blanc, Quelques Vécrites Economiques 1\$100
André Girard et M. Pierrrot, Le Parlementarisme contre l'Action Ouvrière 1\$100
Pedro Kropotkin, Le Salarial 1\$100
M. Pierrrot, Travail et Surmenage 2\$200
Direrot, Entretien d'un philosophe avec la marchande 1\$100
Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics 1\$100
Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique 1\$100
Les Temps Nouveaux, Contre la Guerre 2\$300

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importancia.

'A Velhice do Padre Eterno'

Temos novamente a venda, a 2\$000 o exemplar, este sempre empolante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

VIII O CÃO

Griff saudou com um latido a resurreição do amo, que se inclinou para o cão, tomou a sua grande cabeça e beijou-a... Produziu-se então a reacção; pôde chorar. Os lamentos inarticulados do homem misturaram-se com os gemidos quasi humanos do animal. Aquelle cão era seu amigo, o unico ser capaz, naquele instante, de lhe comprehender a sua dor. As catástrofes do coração encurtam as distancias, enchem os fossos.

Mas o cão não tardou a subtrair-se ao affago. Saltou até á porta; depois voltou para junto do cavaleiro; em seguida repetiu a sua estranha manobra.

— Griff! murmurou João; meu bom Griff... E' a ella que procura, não é?

O dinamarchês respondeu com um sonoro latido, sendo então o Cavaleiro sacudido por um forte estremeccimento. Iria o instincto do animal pô-lo sobre a pista? Ergueu-se-lhe a alma a incerta aurora duma esperanza, ainda imprecisa. O coração pô-se-lhe a latejar com violencia.

— Busca! balbuciou-lhe, sem ousar deter-se ante a possibilidade do milagre; busca, Griff! Busca aquella que eu chorei... a tua doce ama... a que tu tanto amavas... Busca, Griff, busca!

O cão deu duas ou três vezes volta ao quarto, como para se certificar de que estava no bom caminho, e lançou á porta, seguido pelo Cavaleiro, palpitante. Este quizia-se da espontanea revelação que o cão lhe fez a respeito de Margarida. Esquecia-se de que a consueita e procraxa como culpado de ter mutilado um animal, de não ter dado uma proleto...

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 168 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2\$500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio de Janeiro, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3\$800 o exemplar. Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2\$500. Pelo correio, 3\$800.

'A Sementeira'

Publicação mensal illustrada de critica e sociologia de Lisboa. Insere retratos e biografias de escriptores e artistas revolucionarios e livros pensadores, como (entre os ultimos publicados) Wagner, Ema Goldman, Teberlichensky, Hapisardi, Gnyus. Assinatura anual: 1\$200 (moeda brasileira). Assina-se nesta redacção.

'A LANTERNA' NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

- CAFE CRITERIUM largo do Rocio, 32. Rua Salva'or de 84, 48, esquina da rua Visconde de Bapacaly, engraxate. Rua da Assemblia, 99, esquina da rua do Carmo, engraxate. Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria. Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quesada. Avenida Passos, 122, engraxate. Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Princi. Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso. Estação Central, com o sr. Parchoal Mauro. Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno. Rua 1.º de Março, agencia do sr. Mandarim. Rua Uruguaryana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate. Rua Marechal Floriano Paizoto, 58, engraxate. Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Caruso Compaes. Rua Sousa Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Matera. Largo dos Leões, com o sr. Natan Carrell.

'HUMANIDAD'

Excelente revista quinzenal de educação e cultura social, de Valencia, Espanha. Assinatura, ano, 6\$000. Os pedidos, acompanhados da respectiva importancia, devem ser endereçados ao representante J. M. Bueno, Rua Nova-S. José, 97, S. Paulo.

Coalho liquido Halley

É o melhor e o mais barato. Uma colher de coalho basta para coagular em litros de leite. Vendas condicionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vidro mesmo violado.

DEPOSITO Avenida Affonso Penna, 341 Bello Horizonte

a accusação mais terrivel que podia então pensar sobre um homem! Esquecia-se da berlinda que o esperava na porta de Bolonha. Esquecia-se do seu amigo d'Estallondez, que corria a cavallo pelo caminho de S. Valério para lhe garantir a fuga.

Tudo o que tinha de forças, de intelligencia e de esperanças concentrava-se num ponto unico: naquelle cão que, farejando pelo chão, andava, andava, grave, recolhido parecendo compeñado do immenso interesse da sua missão.

A's vezes, Griff precipitava-se, ao Cavaleiro custava-lhe segui-lo; mas daria dez anos de vida pra que o cão andasse ainda mais depressa. Excitava-o, animava-o, impelia-o a's vezes, pelo contrario, o dinamarchês parava, aspirando o ar, farejando o caminho; e João deixava então de respirar, suando de angustia, esperando sem arriscar um gesto. Depois o animal continuava. Foram minutos terribes, saltos violentos do desespero atros á alegria repentina.

O cavaleiro tornou a passar, sem o notar sequer, diante do palácio de Villancourt e chegou por fim á porta de Amiens, onde se apresentava um obstaculo intransponivel: a porta estava fechada como todas as noites e guardada por um destacamento de soldados comandado por um sargento. Acusado de sacrilegio, perseguido, acossado, deria estar apontado a todos os corpos de guarda... Se se apresentasse, seria preso... estaria perdido.

Griff queria lançar-se, mas João segurou-o pela coleira, contendo-o. Era seguida temon por uma viola que agiu ás fortificações, arrastando o cão que resistia a fatis violentos esforços para o levar para a porta... João accorreu e, dizendo: — Sim, já sei, meu Griff, quero lançar-te pelo caminho de Amiens.

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, Mea e porte e registro do Correio:

Primeira serie, já publicada:

- La Lujuria del Clero, segun los concilios. El Diablo, por Roberto Robert. Cristo en el Vaticano, por Victor Hngo. El Romanes Antielesial, por varios autores (primeiro tomo). El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordix. Historias de la corte celestial, por Nareiso Campillo. Montis Secreta de los Jesuitas. A Una Madre, por Ramon Chies. La Democracia y la Inglasia, por Potvin.

2.ª serie em publicação:

- Dion, por Biffer y Capdevilla. Los Milagros, por Roberto Robert. Lo que comen los curas, por Frey Gerardo. Viaje al Inferno, por José Nakens. La libertad de ensinanza, por Edmundo Gonsales. La Papisa Juana, por Julio F. Mateo. Sonetos Píadosos, por varios. Retratos de José Nakens, 18500 réis

VENDE-SE

TERRENO EM SANTOS

Vende-se um magnifico terreno medido 14 metros de frente por 50 de fundos, sito á rua Dr. Manuel Carvalho, la: sendo esquina com a avenida do Canal. Trata-se nos dias uteis com o sr. José Leite, á rua Eduardo Ferreira, 1 (Armazem).

'A Lanterna' no Interior

É encontrada tambem á venda nas seguintes agencias: Es Ribeiro Preto, na agencia do sr. José Solles, rua Amador Bueno, 41 e 43. Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior. Em Santos, na agencia do sr. Paiva Magalhães, rua Baúto Antonio. Em Mogi das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa. Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Alotto & Irmao. Em Cataguazes, com o sr. Fenelon Barboza, largo do Commercio 1 - A. Em Florianopolis, com o sr. Valentin Farinha, rua Republica, 4. Em Curitiba, na agencia dos sr. Pajuba & Reis, rua 15 de Novembro, 5.

Engenho Stamato

Sem engraxagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se esphalhando por este vasto país; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 - Rio de Janeiro. Fundição e Mecanica, Avenida Martin Barboza, 146 - S. Paulo.

Passou por ali... não é verdade? Anda... Vamos tratar de chegar ao caminho; anda Griff, dentro de dez minutos ou teremos conseguido isso... ou estaremos mortos...

Falava agora com estranha calma e sustinção uma incrível força de vontade. Só o amor supremo pode inspirar resoluções como a que acaba de tomar. Ao cabo de cem passos, o Cavaleiro voltou á esquerda e subiu pelo talude da muralha. Que heróica empresa ia tentar?

A noite era clara. A luz cheia illuminava as fortificações com a sua argentea luz, em quanto o fundo do fosso se mantinha envolto em sombras espessas.

O Cavaleiro de La Barre abeirou-se do tomo e teve um momento de meditação terrivel. Daliacou-lhe um sorriso pelos lábios crispados, pois acabava de lhe ocorrer que a porta de Bolonha era vigiada como todas as outras desde o cair da noite, e que todos os preparativos da seshora de Villancourt para a sua fuga eram inutilis. Ignorava que d'Estallondez conseguira ganhar o chefe do posto, que naquele momento mesmo esperava impacientemente o Cavaleiro para lhe abrir a porta.

João mouteu a cabeça, rechaçando aquelles idéas, concentrando toda a sua vontade para e fim da mígnia esperanza: alcançar aquelle caminho de Amiens, por onde passara Margarida. O nome adorado da sua noiva subiu-lhe do coração aos lábios, e, pronunciado em voz baixa, foi como que o signal a si mesmo dado para a acção suprema.

Apanhou uma pedra e trovejou-a no seu lombo, dizendo:

— Griff! atreva!

O cão riu e lançou a banha brandamente a cáda. O Cavaleiro estava tomado duma duma sensação que podia matar lhe engraxado

(Continua)

FOLHETIM DA LANTERNA (7)

MIGUEL ZEVACO

CAVALHEIRO DE LA BARRE

Grande romance histórico

(ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA)

Primeira parte

AMOR!

VII

UMA VOZ NA NOITE

— Expressa-te, João... Não terei vida em quanto não te souber seguro...

— Anda!...

Profundamente comovido, o Cavaleiro compreendeu que era preciso erritar á noiva mais prolongadas angustias. Ajuchou-se. A seshora de Villancourt, com gesto solene, estendeu ambas as mãos como para uma bênção suprema. Depois, agarrando elucisamente na cabeça do Cavaleiro, deu-lhe um demorado beijo na fronte.

— Adeus, minha filha... adeus... Haverá sido a minha mão qui...

— Adeus, João... meu filho! Os minutos eram preciosos. O Cavaleiro levantou-se, e atirou um ultimo beijo com um gesto de adeus.

Partiu! Partiu! Ah! Agora comprehendia a attitude demorada de Fior de Melo! Sem dúvida a jovem noiva de espontanea verdade. Man quem lhe poderia ter dito? Quem?

— Ela tinha querido sair-lhe, embora a custo de não o tornar a ver? Depois, agarrando-se á idéa de partir juntos, como o castigo se agarrar ao primeiro objecto que a sua curiosidade alcançasse... Não! Não! Não! Fugir sem Margarida! Partir sem a doce noiva da sua ju-